

TRAÇOS INFOMEMORIAIS E PATRIMONIAIS DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM MACEIÓ-ALAGOAS¹

E-mail:
Isaacmoraes09@gmail.com
Maria.lima@ichca.ufal.br

Isaac Roberto Ferreira², Maria de Lourdes Lima³

RESUMO

Discorre sobre a importância dos traços infomemoriais presentes no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Maceió, para a memória e história da cidade e para Alagoas. A pesquisa indaga sobre quais os traços infomemoriais existentes no Cemitério Nossa Senhora da Piedade em Maceió - Alagoas, que podem assegurar o seu reconhecimento como patrimônio cultural pela população? Tem por objetivo geral analisar os traços infomemoriais e patrimoniais no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Aborda a diferença do estudo da memória no âmbito da História e a sua abordagem na Ciência da Informação e traz ainda a história do cemitério N.S. da Piedade, os traços infomemoriais presentes nos bens culturais formados pela arquitetura tumular, bem como os objetos históricos e personalidades alagoanas sepultadas. Trata-se de um estudo descritivo com viés documental, abordagem qualitativa e de natureza básica. Utiliza como procedimentos as pesquisas de campo, bibliográfica e documental.

Palavras-Chave: Traços Infomemoriais, Informação, Cemitério, Patrimônio, Memória.

ABSTRACT

Discusses the importance of the infomemorial traces present in the Nossa Senhora da Piedade Cemetery, in Maceió, for the memory and history of the city and for Alagoas. The research inquires about which infomemorial traces exist in the Nossa Senhora da Piedade Cemetery in Maceió - Alagoas, which can ensure its recognition as cultural heritage by the population? Its general objective is to analyze the infomemorial and patrimonial traces in the Nossa Senhora da Piedade Cemetery. It addresses the difference between the study of memory in the context of History and its approach in Information Science and also brings the history of the N.S. da Piedade, the infomemorial traces present in the cultural assets formed by the tomb architecture, as well as the buried historical objects and personalities from Alagoas. This is a descriptive study with a documentary bias, a qualitative approach and of a basic nature. It uses field, bibliographic and documentary research as procedures.

Keywords: Infomemorial traces, Information, Cemetery, Heritage, Memory.

¹ Pesquisa em andamento desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas (PPGCI/UFAL).

² Mestrando do PPGCI/UFAL.

³ Doutora em Ciência da Informação e docente permanente do PPGCI/UFAL

1 INTRODUÇÃO

A visão sobre os cemitérios, geralmente pautada pela lente do senso comum que enxerga estes lugares apenas como tenebrosos e tristes, está cada vez mais dando lugar, tanto no Brasil quanto no mundo, a de também serem estes locais bens culturais para a sociedade na qual estão inseridos, pois são muitas vezes centenários e representam um período significativo da história nacional, o da medicina higienista no século XIX, contendo assim traços infomemoriais perpetuados na arquitetura tumular e em outros objetos funerários.

Mas, o que seriam traços infomemoriais? Seriam informações em potencial encontradas em artefatos que servem como suporte ou representação material de uma memória, alimentando-a. De acordo com Nascimento e Netto (2016), esta memória não é a mesma estudada pela História, que evoca o passado delimitado por uma cronologia, mas sim uma memória mais interessada na materialização da representação e do registro, “que se identifica com a atribuição de valores patrimoniais aos objetos textuais, imagéticos, monumentais, às coleções materiais e simbólicas que Nora nomeou de “lugares de memória” (Nascimento; Netto, 2016, p. 6)”.

Do ponto de vista científico, este trabalho se justifica pela necessidade de construção de pesquisas teóricas abordando cemitérios brasileiros como mais do que apenas lugares de sepultamentos e tristeza, mas também como locais potenciais de informação, informação esta que alimenta a memória coletiva, que reforça a identidade de determinada sociedade e é manifestada muitas vezes num monumento. Para isso, é necessário que medidas sejam tomadas para a preservação desses artefatos possuidores de traços infomemoriais, através dos quais essa memória se manifesta e está registrada, uma delas seria alçar esses locais à categoria do patrimônio por intermédio do instrumento do tombamento ou instituindo leis urbanísticas, como acontece com o Cemitério N.S. da Piedade, objeto desta pesquisa. Basta então que, instituídas essas políticas, elas sejam divulgadas eficazmente para a população.

As motivações iniciais que nortearam a elaboração deste trabalho se pautam em divulgar a necrópole da Piedade e seu potencial infomemorial e na construção de uma dissertação de mestrado, cuja temática será este Cemitério como detentor de traços infomemoriais importantes para a memória das sociedades maceioense, alagoana e brasileira.

A grande questão levantada por este artigo é: quais os traços infomemoriais existentes no Cemitério Nossa Senhora da Piedade em Maceió - Alagoas, que podem assegurar o seu reconhecimento como patrimônio cultural pela população? Para responder a essa questão, tem-se como objetivo analisar os artefatos que servem de suporte para esses traços no Cemitério Nossa Senhora da Piedade em Maceió-Alagoas. Outra preocupação desta pesquisa é a de identificar problemáticas que dificultam o reconhecimento do Cemitério enquanto lugar de memória pela sociedade maceioense, a partir dessa identificação, engendra-se uma discussão sobre a ausência de políticas de valorização e divulgação desta Instituição municipal.

2 PARA ALÉM DO TERROR E TRISTEZA

A humanidade, ao longo dos milênios, passou por intensas e profundas transformações sobre sua maneira de lidar com a morte e tudo ligado a esta temática. Segundo Borges, Santana e Bianco (2004) a academia, por exemplo, somente há pouco tempo passou a tratar com menos estranheza tudo que se vincula ao assunto, ao verbo latino *mori*, apesar dos vários artigos e pesquisas que se já pode encontrar numa busca rápida na internet. A palavra ‘cemitério’ é muitas vezes relacionada ao sentimento de perda ou à morbidez, de medo e pavor. De acordo com Osman e Ribeiro (2007), essa concepção é reforçada pelo cinema, sobretudo no gênero de

filmes de terror, assim como na literatura, de maneira geral, pois no mundo das artes, a morte e o lugar que talvez seja o mais representativo de sua materialidade, o cemitério, sempre tiveram lugar cativo. Nogueira (2013) diz que os cemitérios são espaços construídos socialmente. Logo, percebidos como lugares de práticas sociais.

As paisagens cemiteriais nos conduzem a possibilitar não somente a existência de um patrimônio arquitetônico devido às suas construções, mas a valores, tradições, tensões, conflitos e modos de enraizamento que se caracterizam por constituírem um conjunto de relações sociais, culturais, econômicas e políticas. (NOGUEIRA, 2013, p. 31).

Os túmulos, além de serem suportes de informação em potencial, possuem, entre as suas atribuições, a de perpetuar a recordação no domínio em que as memórias individual e coletiva são, particularmente, valorizadas. Le Goff (1990) diz que as coisas não nascem como documentos - monumentos - e função social determinada, pois “o documento é produto da sociedade que o fabricou e somente a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente” (LE GOFF, 1990, p. 545). Os cemitérios, se pensados como grandes museus a céu aberto, como muitos são considerados, apesar de não trazerem uma coleção catalogada, são também espaços de memória. Segundo Halbwachs (1990), apesar da memória ser processada internamente, esta necessita de um espaço físico para ser ativada e estimulada, pois a mesma não se projeta no vazio.

Segundo Carrasco e Nappi (2009), os cemitérios carregam três valores patrimoniais relacionados ao aspecto material: os valores de caráter ambiental/urbano, os de caráter artístico e os de caráter histórico. O ambiental/urbano está relacionado aos cemitérios seculares (criados para acabar com o costume de inumação em igrejas e depois entregues aos governos) incorporados pelos bairros com a expansão das cidades. O caráter artístico está relacionado às obras de arte presentes em muitos desses lugares, desde a arquitetura tumular às fachadas de capelas e objetos como estátuas e vasos. Quanto ao caráter histórico, está relacionado à história do próprio cemitério em particular e da história do Brasil.

Na perspectiva de Nogueira (2013), o patrimônio cemiterial vai além de objetos como fotos, obras e inscrições, é o que todo esse conjunto pode representar, o que ele pode evocar de passado, representações das memórias (social e individual) que se encontram preservadas no patrimônio cultural funerário, constituindo material para a construção de identidades. Para que esse patrimônio continue existindo, é necessário que agentes de políticas culturais públicas possam ter um olhar aguçado sobre esse patrimônio.

3 MEMÓRIAS NA HISTÓRIA E NA CI

Existe uma grande discussão entre o que é memória para historiadores e o que é memória para o cientista da informação. Para Ricouer (2007), ao mesmo tempo em que existe uma ligação entre memória e história que se faz necessária, também não se pode ser radical e separar as duas, o que seria uma armadilha, pois “[...] objeto da história, a memória parece ser uma de suas matrizes, na medida em que permanece, em última instância, como a única guardiã de algo que efetivamente ocorreu no tempo” (NASCIMENTO; AZEVEDO NETTO, 2016, p. 2).

Para a Ciência da Informação (CI), segundo Nascimento e Azevedo Netto (2016), a revelação da memória enquanto guardiã do passado se dá através da representação do conhecimento, sendo esta um atributo infomemorial. Esta memória não tem a finalidade de reconstruir uma avaliação crítica do passado dentro de uma cronologia, mas sim de estabelecer

com esse passado uma relação dialógica e sociável, que será transposta por intermédio da organização da matéria, na perspectiva tanto de representar a informação como de facilitar o processo de recuperação dessa informação. O estudo da memória como objeto da CI, fonte e matéria-prima do conhecimento criado por um indivíduo ou de maneira coletiva, entende que a criação de conhecimento elaborada pelos sujeitos através das relações com o passado varia de pessoa para pessoa, não é unânime e comum a todos, pois nem todos compartilham deste passado as mesmas representações. Essas representações podem estar contidas em “[...] bens culturais a partir de valores de percepção que lhe são atribuídos” (NASCIMENTO; AZEVEDO NETTO, 2016, p. 3).

Para Silva e Oliveira (2014), o que interessa para o cientista da informação nos estudos de memória são exatamente as informações potenciais produzidas nos traços das atividades rememoradas, pois a história evoca uma temporalidade existencial do passado e oferece apenas uma única possibilidade de memória, imutável, o que não serve ao cientista da informação, pois, como já discutido, os referenciais de passado são inúmeros para cada sujeito individual ou coletivo. A materialização das representações ou dos registros de memória é do estudo da CI, inclusive os bens e monumentos que recebem valor de patrimônio, materiais e simbólicos, chamados por Nora (1993) de “lugares de memória”. Por isso, segundo Nascimento e Azevedo Netto (2016) a memória pode ser abordada na CI em sua aproximação com a noção de patrimônio, já que este seria o ponto inicial de onde construções representacionais de um passado, real ou mítico, seriam socializadas.

4 TRAÇOS INFOMEMORIAIS DO CEMITÉRIO DA PIEDADE

Na década de 1850, de acordo com Figueira Junior (2018), a Província de Alagoas vinha conseguindo um desenvolvimento significativo provocado pela expansão principalmente das indústrias açucareira e de algodão. Nesta década, as ferrovias também começaram a chegar, impulsionando não apenas as regiões do interior como também de cidades como Maceió, que já contava também com a enseada de Jaraguá, de onde partiam e chegavam mercadorias que movimentavam a economia. Maceió já havia se tornado Vila por meio de alvará régio em 05 de dezembro de 1815 e em 09 de dezembro de 1839 se tornou capital da Província, que antes funcionava na Cidade das Alagoas, hoje município de Marechal Deodoro.

Esse era o panorama da cidade que, como todo o Brasil oitocentista, enfrentou em meados do século XIX, as epidemias e suas terríveis consequências. A Carta Régia de 1801, a Lei Municipal de 1828 e o Código de Postura da Câmara da Cidade de Maceió foram alguns dos documentos que proibiam de vez os sepultamentos nas igrejas, costume dos mais abastados financeiramente desde a Idade Média, e determinava a construção de cemitérios públicos com a finalidade de enterros provisórios e definitivos. Porém, segundo Lima Júnior (1983), apenas em 27 de outubro de 1850 o primeiro cemitério público de Maceió teve sua pedra fundamental assentada, “sendo consagrado à excelsa Senhora da Piedade” (LIMA JÚNIOR, 1983, p. 61). O cemitério só foi inaugurado em 19 de novembro de 1855, sendo chamado de Cemitério de Nossa Senhora da Piedade.

Foi construído no “areal à margem da estrada que conduzia ao Trapiche e ao Pontal da Barra, então deserto, coberto de cajueiros brabos [...] entre o canal grande, o mar e o centro da cidade” (LIMA JÚNIOR, 1983, p. 61). Ainda que o local escolhido para a construção do cemitério tivesse passado por estudos a época, sendo considerado o que tinha menos circunstâncias desfavoráveis, Lima Júnior (1983) conta que em 1870 o Cemitério Nossa Senhora da Piedade era considerado impróprio, pois havia sido implantado em um terreno baixo e arenoso, nas proximidades de um lençol d’água subterrâneo que abastecia a comunidade, podendo acarretar diversas doenças caso essa água fosse contaminada.

Lima Júnior (1983) também destaca que o cemitério ficou sob a responsabilidade da Santa Casa de Misericórdia de Maceió desde sua inauguração até 1880, quando passou para o município. Quando inaugurado, em 1855, possuía quatrocentos e setenta e sete catacumbas, passando a duas mil em 1866, desta forma, seus duzentos metros de comprimento por cento e trinta metros de largura teve que ser dividido em quarenta artérias, sendo cinco avenidas e trinta e cinco ruas. Em 1910, a necrópole estava superlotada, assim devido a grande quantidade de sepultamentos foi proibida a construção de novos mausoléus e sepulturas perpétuas.

O Cemitério Nossa Senhora da Piedade possui diversos túmulos que são considerados verdadeiros monumentos, com obras de artes dos mais variados tipos e materiais, além de ossuários e túmulos mais simples, entretanto já não há mais espaço para expansão. Atualmente, é considerado Unidade Especial de Preservação (UEP) desde 2005 pelo Plano Diretor de Maceió, via Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET) e recebe acompanhamento do setor de patrimônio da Secretaria.

Desde o momento em que as elites finalmente aceitaram que os corpos de seus entes fossem sepultados em cemitérios seculares de administração municipal e fora das igrejas, ainda assim houve uma necessidade de se estabelecer uma divisão social sobre as demais pessoas sepultadas nesses locais, “intimidando-os socialmente também após a morte” (CAVALCANTE, 2013, p.106).

No Cemitério Nossa Senhora da Piedade não foi diferente. Os túmulos diferenciados estão localizados nas primeiras quadras da Necrópole, para chamar a atenção de quem trafega pela Avenida Siqueira Campos, que passa em frente ao cemitério, pelo seu tamanho e ornamentos. Como a entrada é toda em grade, mesmo a uma distância relativa se consegue visualizar o interior do cemitério (Figura 1). Neste trabalho, para fins de exemplificação, escolhemos alguns túmulos e objetos como amostragem da potencialidade informativa destes e de outros que poderão ser explicitados em pesquisa futura.

Figura 1 - Parte exterior da Necrópole.



Fonte: O autor (2021).

O túmulo que mais se sobressai ao se observar o cemitério do lado de fora é o da Família Mendonça (Figura 2), de 1902. De acordo com Cavalcante (2013), o mausoléu foi feito pela empresa Sighieri & Rossi, possui um estilo eclético, predominando uma linguagem arquitetônica greco-romana no frontão, nas pilastras e nos capitéis. Já o estilo gótico pode ser observado a partir do arco ogival no portão. Com exceção de alguns detalhes de metal, é todo em mármore, por dentro e por fora. Neste túmulo, estão embalsamados os corpos dos Senadores Jacinto Paes de Mendonça e seu filho Bernardo Mendonça Sobrinho. De acordo com Lima Júnior (1983), seriam os únicos corpos embalsamados em Maceió.

Figura 3: Almeida Guimarães 1892



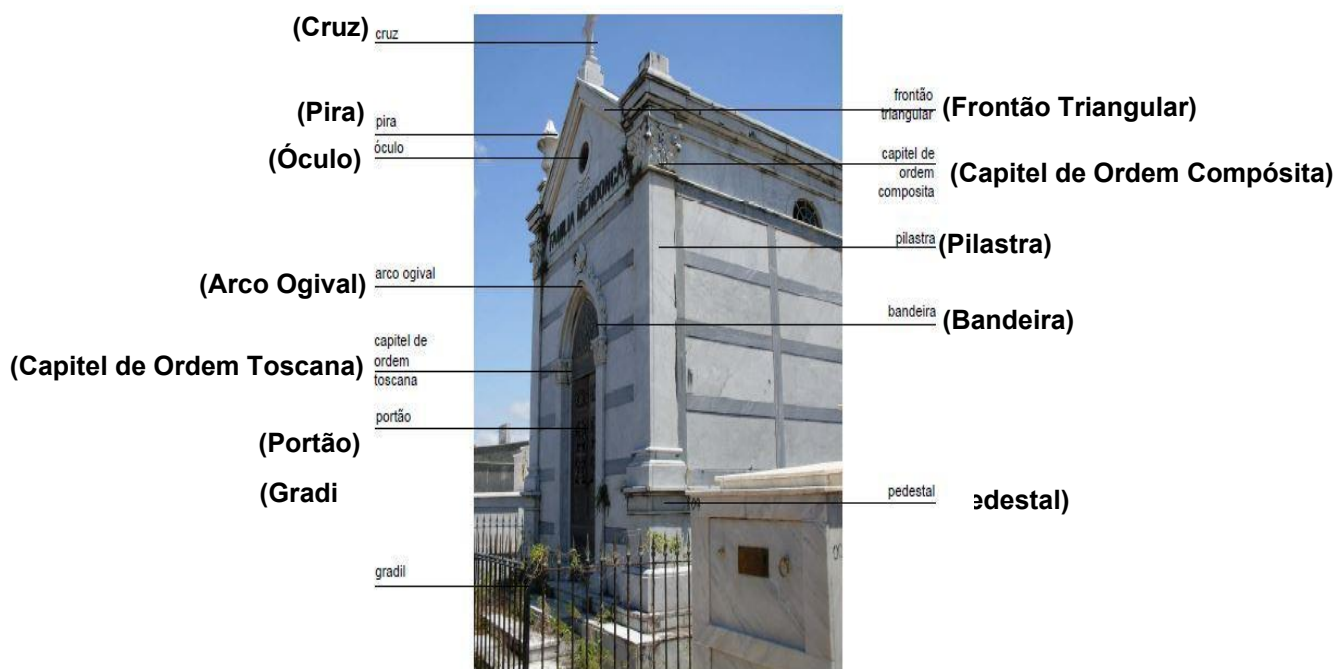
Fonte: O autor (2021)

Figura 2 - Túmulo da Família Mendonça



Fonte: O autor (2021)

Figura 4 - Túmulo da Família Teixeira Bastos, 1918



Fonte: Extraído de Cavalcante (2013, p. 108)

Dentre vários outros túmulos que chamam atenção pela beleza, se destacam o de mais duas famílias: Almeida Guimarães, de 1892 (Figura 3) e Teixeira Bastos, de 1918 (Figura 4). O primeiro foi feito pelo escultor italiano Giuseppe Navone, em Gênova, em 1897. Possui uma estátua em mármore da alegoria da desolação em estado de prece, apoiada em uma coluna quebrada que representa a interrupção da vida. Há uma inscrição em latim “Mors non Separat” (Morte não Separa).

O segundo, da família Teixeira Bastos (Figura 4), foi elaborado pela marmoraria de José Vicente da Costa & Cia, no Rio de Janeiro. Segundo Cavalcante (2013), possui formato piramidal, marcado pela sobreposição dos elementos compositivos. em seu topo, encontra-se a imagem da pranteadora. “Este mausoléu conta ainda com diversos ornamentos em mármore branco, desde o cercado até as esculturas, com a presença de coroa de flores, leões, anjos, cruzes, pombas e vasos” (CAVALCANTE, 2013, p. 111). Além do mármore, outros materiais foram utilizados, como o bronze e o granito, pela rapidez e durabilidade. Cavalcante (2013) diz que com a chegada do século XX os túmulos ficaram mais horizontais, com linhas retas. Além dos túmulos, seus ocupantes também representam muitas vezes motivos de observação dos mausoléus. Artistas, políticos e outras personalidades alagoanas que jazem no cemitério e receberam túmulos com arquitetura especial também se destacam pela sua beleza e história. É o caso do mausoléu de Linda Mascarenhas (1896-1991), grande dama do teatro alagoano (Figura 5) e de Sebastião Marinho Muniz Falcão (1915-1966) (Figura 6), ex-governador e deputado federal por Alagoas, cujo enterro foi um dos maiores cortejos já vistos na cidade.

Figura 5 - Túmulo de Linda Mascarenhas



Fonte: O autor (2021)

O mausoléu de Linda Mascarenhas foi inaugurado em 2013 em homenagem à atriz, professora e ícone feminista alagoano. “Segundo o arquiteto Mário Aluísio, através de pesquisas, descobriu-se a paixão da atriz por pedras, sendo a pedra o “norte” para o projeto do túmulo (...)” (CAVALCANTE, 2013, p.116). O arquiteto também idealizou um pórtico em arco pleno significando uma ligação com a eternidade e o teatro com sua boca de cena. Já o túmulo de Muniz Falcão possui o mapa de Alagoas em granito preto e é um dos mais visitados do Cemitério. Muniz Falcão foi governador de Alagoas no período de 1956 a 1961 e deputado federal por duas vezes.

Figura 6 - Túmulo de Muniz Falcão



Fonte: O autor (2021)

Além dos túmulos, alguns outros objetos significativos também podem ser levados em consideração devido seu valor infomemorial. Trabalharemos nesta pesquisa dois exemplos. O primeiro se trata de 27 vasos portugueses (Figura 7) vindos da cidade do Porto, que adornavam o muro do cemitério e foram retirados em razão do vandalismo e dos furtos. Segundo Chalita (1979), eram belíssimos e feitos de louça portuguesa, sendo vários subtraídos ao longo dos tempos. Em razão disto, os vasos foram retirados das pilastras do muro, onde foram substituídos por pinhas pintadas de branco, e colocados no guarda corpo que vai da entrada do cemitério até à capela. O segundo exemplo são postes (Figura 8) feitos pela Nova Fundação Guanabara, no Rio de Janeiro, que estão presentes por todas as ruas do cemitério, mas que hoje não funcionam mais e estão deteriorados e enferrujados.

Figura 7 - Vaso Português.



Fonte: O autor (2021).

Figura 8 - Poste feito pela Nova Fundação Guanabara - RJ.



Fonte: O autor (2021).

Existem muitos outros artefatos presentes no Cemitério Nossa Senhora da Piedade que podem servir de referencial de um passado importante, seja da história de Maceió, de Alagoas e também do Brasil. Como a primeira necrópole legalmente implantada em Maceió desde a obrigatoriedade imperial de não sepultar cadáveres em igrejas, abriga inúmeros traços infomemoriais, que concedem a este espaço a importância de um lugar de memória significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que conseguimos apurar até o presente momento nesta pesquisa, levando-se em consideração os traços infomemoriais presentes no cemitério N.S. da Piedade, apesar de classificado como Unidade Especial de Preservação Cultural (UEP) pela Prefeitura de Maceió e receber cuidados básicos até por ser uma Instituição que continua em funcionamento, sua elevação para UEP não contou com participação popular, mas com o conhecimento e experiência da equipe técnica sobre sua importância para a história de Alagoas, o que mostra o desconhecimento ainda da população sobre o local por, dentre outros fatores, falta de educação patrimonial e divulgação.

Pouco tem sido feito para reconhecer o cemitério municipal de Maceió N. S. Piedade enquanto lugar de memória. Nem sempre o tombamento é sinônimo de que determinado bem cultural será preservado, muito menos uma legislação urbanística que, apesar dos colossais esforços da equipe técnica envolvida e falta de apoio, ficou reverberando mais no meio acadêmico do que diretamente na sociedade.

O Cemitério, ao longo dos seus 172 anos, em razão de seus traços infomemoriais, também poderia ser considerado detentor de certa potencialidade museológica. Porém, um museu recebe restauro e conservação, mesmo a céu aberto, o que nem sempre é o caso do Cemitério. “Acreditamos que um ‘museu a céu aberto’ deve abranger a preservação dos artefatos materiais ali existentes, com o intuito de sensibilizar as comunidades a meditar sobre a consciência histórica de vida e de morte dos seus cidadãos” (BORGES, 2016, p. 2).

Para que o Cemitério de Nossa Senhora da Piedade se tornasse de fato um espécie de museu a céu aberto, um primeiro passo seria mais divulgação por parte da Prefeitura de Maceió da sua condição de UEP, com atenção para além do cuidado material de “pintura e poda”, para que esses lugares possam vir a ser também oficialmente um lugar de pesquisa, ressignificando o cemitério de apenas lugar de sepultamento para um local no qual a população possa também estabelecer relações de pertencimento e outras apropriações do mesmo espaço, mesclando sua memória individual com a de todos, pois como diz Halbwachs (1990), toda memória individual é marcada pelo coletivo.

Os cemitérios são ainda, na maioria dos casos, a última morada física de muitos. Trazem em si uma parte da história da humanidade e contam as inúmeras maneiras com as quais esta vem lidando com uma temática para alguns, fascinante, para outros, terrível, mas presente e inevitável a todos: a morte, de modo que também são um retrato de um desejo dos vivos: não serem esquecidos. Por isso, pulsa em informação, paradoxalmente mantendo vivas nossas memórias enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, A. M. C. S.; ALMEIDA, G. B. C.; MOTA, D. A. R. Museu como unidade de informação e preservação da memória: uma análise na fundação memorial Padre Cícero em Juazeiro do Norte. **Revista Folha de Rosto**, v. 3, p. 96-104, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/39522>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BORGES, Maria Elizia. O cemitério como “museu a céu aberto”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL IMAGENS DA MORTE: TEMPOS E ESPAÇOS DA MORTE NA SOCIEDADE, VII, São Paulo. **Anais: Imagens da morte**. São Paulo, 2016.p. 20-35. Recurso digital. Disponível em: <https://www.artefunerariabrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/08/texto-final-cem.-museu-imagens-da-morte-2016.pdf>. Acesso em 07 jan. 2023.

BORGES, Maria Elízia; SANTANA, Marissol M; BIANCO, Sabrina Del. **Arte funerária no Brasil: possibilidades de interagir nos programas de ensino, de pesquisa e de extensão na universidade.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 13, 2004, Brasília. [Anais eletrônicos...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. p. 192-200.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v.2 n.2 - jul/dez de 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/60/73>. Acesso em: 23 dez. 2022.

CAVALCANTE, Regina Barbosa Lopes. **A preservação do cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió-AL.** 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5515/1/A%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20do%20cemit%C3%A9rio%20Nossa%20Senhora%20da%20Piedade%20como%20patrim%C3%B4nio%20para%20Macei%C3%B3-AL.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FIGUEIRA JUNIOR, Oseas Batista. **A ordem médica sobre o alagadiço: higienismo e epidemias na Alagoas Oitocentista (1850-1882).** 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) -Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3478>. Acesso em: 12 jan. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história.** São Paulo: Unicamp, 1990.

LIMA JUNIOR, Felix. **Cemitérios de Maceió.** Maceió, 1983.

NASCIMENTO, G. F. C. L.; AZEVEDO NETTO, C. X. **Concepção infomemorial no campo da ciência da informação: aspectos teóricos e epistemológicos.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/191462>. Acesso em: 18 jan. 2023.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural.** 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss321.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khouri. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo: PUC, n. 10, dez., 1993.

OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 1-15, abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/946/739>. Acesso em: 09 jan. 2023.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, L. E. F.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Mnemosyne infor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91403>. Acesso em: 22 jan. 2023.